



BRASÕES de armas: o novo estudo de Campinas. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 29 set. 1937.

BRAZÕES DE ARMAS

Jornal do Comércio - Rio
O NOVO ESCUDO DE CAMPINAS

29.9.37

A Camara Municipal de Campinas approvou um novo brazão de armas, de accordo com as suggestões apresentadas pelos Srs. Aristides Monteiro de Carvalho e Silva e Roberto Thut.

E' a seguinte a composição dessas novas armas, que substituem os adoptados em 1889:

Escudo portuguez antigo. Em campo de Blau uma phenix de ouro renascente de sua immortalidade. Cora mural de ouro, de quatro torres com tres ameias e sua porta aberta de goles cada uma. Sobre a porta do torrão central, um escudete de Blau, carregado de um crescente de ouro. Supportes: á dextra, uma haste de canna de assucar c. á sinistra, um ramo de café frutificado, ambos de sua cr. Divisa: "Labore vitvte civitas floret", de ouro, em listão de Blau.

Da justificação apresentada pelos autores do projecto do actual escudo, reproduzimos os seguintes trechos:

"O escudo portuguez, de forma antiga, tambem chamado escudo portuguez classico é o melhor indicado para nossas cidades, no consenso de nossos heraldistas. Foi usado na peninsula iberica durante toda a Idade Média e assim o conheceu Portugal desde a fundação da monarchia. Sob essa forma classica o trazem todas as cidades portuguezs, conforme se constata na obra de Vilhena Barbosa "As Cidades e Villas da Monarchia Portugueza" que têm Brazão d'Armas" (1860 e 1862).

Na heraldica brasileira, elle evoca a origem de nossa raza, para cuja formação contribuiu o portuguez como elemento ethnico primordial. Em maioria, os Estados e municipios nacionaes que instituiram suas pedras de armas escolheram essa forma para o escudo. Entre elles avulta o nosso glorioso Estado de São Paulo; lê-se no decreto n. 5.856, de 29 de Agosto de 1932, que adoptou o brazão estadual:

"O escudo é o portuguez, como convem a descendentes de portuguezes e de accordo com o uso já consagrado no Brasil".

No brazão de Campinas além da evocação citada, allude á primeira immigração, subsidiaria que houve no municipio; esse facto se deu durante a regencia de D. João VI. O governo da rainha mandou vir dos Acores para guiarem os lavradores paulistas nos processos diversos de lavoura, muitos casaes de ilheos que se distribuiram pelas principaes fazendas de cada municipio. Esses portuguezes acclimataram-se perfeitamente na Villa de São Carlos (Campinas) tornando-se mais tarde proprietarios de sítios; tiveram notavel longevidade e muito contribuíram para o progresso da villa, ainda no período de formação.

O escudo classico portuguez é obtido traçando-se um rectângulo-base com oito partes (modulos) de altura, por sete de largura; marcando-se-lhe (nos flancos direito e esquerdo) pontos correspondentes á medida de tres modulos contados dos angulos inferiores, unem-se estes dois pontos por uma recta; fazendo-se centro no meio della e com um raio igual á sua metade, traça-se o semi-circulo inferior, que completará o desenho. Assim no-o ensina G. L. Santos Ferreira, no "Armorial Portuguez", tomo II, pags. 75 e 76.

Em campo de Blau, porque o azul, cobrindo o campo, representa o ceo (D'Eschavannes). E' entre todas a cor profunda; eleva o pensamento para a amplidão luminosa e faz sonhar na incommensuravel grandeza das coisas extraterrenas.

A phenix, renascida, libra as azas no azul e desfere seu vôo ascensional e sem fim; a cidade, retemperada da desgraça, firma-se na sua fé e apoiada pelo ceu, perlustra a senda de um progresso cada vez mais notavel.

Todos os attributos heraldicos do azul condisem com o espirito do povo campineiro e reforçam o significado de seu brazão. Essa cor indica devoção, justica, e fidelidade; vigilancia, nobreza, amor da patria, fama gloriosa, força e perseverança (M. A. Ginanni); justica, formosura, nobreza, perseverança, vigilancia (Asensio y Torres); lealdade, renome, santidade, amor da patria (Brondi); docura, amenidade, bondade; representa o firmamento (Leite Ribeiro); occupa o segundo lugar entre as cores heraldicas (Santos Ferreira); ou, como nos versos archaicós da velha cavallaria de Franca ("apud" Guilherme de Almeida): "Azur: joye et savoir, loyauté, clareté".

A Phenix é o symbolo do brilhante reerguimento do municipio após a angustiosa época das epidemias de febre amarella que, flagellando a cidade por mais de um lustro, não conseguiram anniquillal-a: antes, a energia, a magnanimidade, a fé, a constancia, a fortaleza de espirito que não se abate — virtudes pertinentes a seus cidadãos — fizeram com que ella renascesse maior e mais bella marcando o inicio do periodo aureo de sua historia".

"O escudete para symbolisar a fé sincera e a protecção segura (Ginanni) que o povo campineiro tem no seu orago. O crescente é o symbolo attributivo de Nossa Senhora da Conceição, além de significar o predomínio da fé christã (Vilhena Barbosa). "De ordinario, figura-se com as pontas para cima. Quando no sentido contrario, ou quando voltadas para a dextra e sinistra, é força que isso se indique" (Leite Ribeiro).

A' dextra, uma haste de canna de assucar — Relembra a lavoura e a industria primitivas que foram a fonte de recursos dos antepassados campineiros.

Lê-se nas "Reminiscencias do Districto de Campinas em Bairro, Freguezia e Villa", trabalho interessantissimo e valioso, de autoria do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt: "Os engenhos de canna eram em grande numero. Já homens de posição em S. Paulo tinham ou comprado terras, ou tirado sesmarias, e as cultivavam por soclos ou administradores; e a importancia do districto forçou o governo de conceder sua elevação aos foros de Villa; o que teve lugar em 1798".

A' sinistra, um ramo de café frutificado — Representando a enorme e riquissima cultura de cafeeiros que, tomando incremento no primeiro quartel de 1800, se alastrou por todas as terras do municipio, tornando-o um dos mais notaveis do Estado e do paiz, a ponto de irradiar-se a sua fama até ao estrangeiro.

Lemos na transcrição de um manuscrito de 1872, do insigne botanico paulista Joaquim Corrêa de Mello — precioso documento para a historia do café no Oeste do nosso Estado — "Como estes tambem tirassem excellentes resultados (refere-se aos cidadãos José de Souza Campos e Bernardo José de Sampaio), os seus visinhos e outros foram pouco a pouco abandonando as plantações de canna e substituindo-as pela do café; de sorte que nos annos de 1842 e 1843 já se fizeram colheitas importantes. E' destas ultimas datas que começou a immensa riqueza e florescimento do municipio, que o deve ao pequeno fructo oriunda da Asia".

Em seguida, acrescenta Leopoldo Amaral, a quem se deve a transcrição indicada: "Houve um tempo em que o café deste municipio destacava-se no mercado, mesmo no estrangeiro, com a denominação de "Café Campinas", pela superioridade que apresentava, não só quanto á qualidade como e principalmente pelo beneficiamento".

O ramo de café, na heraldica brasileira, é representado no estado de frutificação".

A antiga divisa foi conservada no actual escudo